

## VOZES DO CHOPIM:

### Narrativas e memórias como instrumentos de luta dos atingidos por barragens na comunidade Nossa Senhora dos Navegantes, Paraná.

*Roberto Luiz Pocai Filho<sup>1</sup>*

#### Resumo

Em 1999, as primeiras informações sobre a futura construção de duas Usinas Hidrelétricas no Vale do Chopim transformaram completamente o destino da comunidade Nossa Senhora dos Navegantes, em Clevelândia - PR. Esse trabalho tem por intenção analisar as diversas interpretações desse acontecimento futuro e como essa população ribeirinha ressignifica suas memórias. A companhia Gerdau, impulsionando os projetos de construção das futuras usinas, têm se preocupado em criar relações de contato com as famílias atingidas afim de abrangê-las ao processo de construção das usinas. A previsão do impacto ambiental, o não-esclarecimento quanto às indenizações e quanto ao seu reassentamento, por outro lado, vem gerando a preocupação de parte considerável dos ribeirinhos em um cenário de dúvidas quanto aos seus destinos. No âmbito das questões da luta pela terra, lideranças se formaram em contato com o Movimento dos Atingidos por Barragens. No âmbito dos saberes e práticas que se entrelaçam com sentimentos de pertencimento no Vale do Chopim, a pesquisa possui por finalidade analisar as diferentes relações dos tempos nessa diversidade de interpretações, como os atingidos reinterpretem seu espaço de experiência e como figuram seu horizonte de expectativa.

**Palavras-chave:** Atingidos por barragens. Memória. Paisagem.

## VOICES OF THE CHOPIM:

### Narratives and memories as instruments of struggle of the affected people in the community Nossa Senhora dos Navegantes, State of Parana.

#### Abstract

In 1999, the first information about the future construction of two hydroelectric plants in Vale do Chopim completely transformed the community destination Nossa Senhora dos Navegantes, in Clevelândia - PR. This work analyze the various interpretations of this future event and how

---

<sup>1</sup> Mestrando em História, Cultura e Identidades pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), bolsista pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Pós-Graduando em Metodologia de História pela Universidade Paranaense (Unipar), graduado em História pela UEPG.

the local population reframes his memories. Gerdau company, boosting construction projects of future power plants, have been concerned to establish contact relationships with the families affected in order to cover them to the construction of the plants process. The forecast of the environmental impact, the non-clarification as to the compensation and for their resettlement, on the other hand, has generated concern considerable part of the riverside in a scenario of doubt as to their destinations. At the heart of the issues of the struggle for land, leaders formed contact of Movimento dos Atingidos por Barragens. Under the knowledge and practices that are intertwined with feelings of belonging in the Vale do Chopim, research has intended to analyze the different relations of time in this diversity of interpretations, such as those affected reinterpret your space experience and how to figure your horizon of expectation.

**Key-words:** Affected People by Hydropower. Memory. Paysage.

*A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar (Eduardo Galeano).*

O som da cachoeira se confunde com minha respiração, o pôr-do-sol irradia outra energia envolvida pelas matas e pelo balanço calmo das águas. De longe, a cidade, sua beleza está, ironicamente, na sua distância. Eis o aqui e o agora. Desde seu leito, passando pelas matas que o envolvem até sua profundidade, os olhos seguem o rio<sup>2</sup> por uma paisagem intensa. Um momento vivificado pelo pesquisador no Vale do Chopim clareia outra percepção do lugar que está além do relato etnográfico, além da moldura de um quadro pincelado, se projetando na observação panorâmica dos acontecimentos que geraram o interesse na pesquisa.

Por trás do conforto provocado pela beleza da paisagem, o projeto de construção das Usinas Hidrelétricas (UHE's) São João e Cachoeirinha articulou ao histórico da comunidade outros eventos que em um primeiro momento estavam além do domínio dos seus moradores. Em 2001, a Enterpa Energia venceu a licitação para a construção de um complexo hidrelétrico. Em 2008, o grupo Gerdau comprou a licitação e desde esse ano a comunidade passou a ser alvo de sucessivas investigações e pesquisas por parte dessa companhia hidrelétrica. A companhia afirma o “potencial de produção energética” presente no rio, a UHE de São João produziria 62,5

---

<sup>2</sup> A bacia do rio Chopim, com área de drenagem em torno de 7.500 km<sup>2</sup>, está inserida no quadrilátero formado pelas coordenadas geográficas aproximadas de 25°32' e 26°35' de latitude sul e 51°30' e 53°12' de longitude oeste, região sul do estado do IAP. **Instituto Ambiental do Paraná.** Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br> . Acesso em 09 Abr. 2015.

megawatts (MW), enquanto que a UHE de Cachoeirinha produziria 42,5 megawatts e “atuando juntas, as geradoras vão produzir energia suficiente para suprir as necessidades de 245 mil pessoas”. Atualmente tal projeto sequer recebeu a Licença Ambiental para sua construção (CHOPIM ENERGIA, 2009).

**Imagem 1** - O Vale do Chopim, ao centro a Ilha do Carletto



A paróquia Nossa Senhora dos Navegantes fundada em meados de 1955, período em que a comunidade foi desmembrada da Fazenda São Francisco de Salles, de propriedade de Mário Fontana que nessa localidade começou a construção de uma usina hidrelétrica na propriedade de Pedro Fernandes Libro Ruzza. Apesar dessa pequena central hidrelétrica não ter sido finalizada e nunca ter produzido energia, resiste na memória e na paisagem da propriedade dos Ruzza as chagas desse acontecimento.

### **I. Uma Babilônia de ferragens: A usina hidrelétrica do Ruzza e a utopia de Pedro Libro nos tempos da CITLA (Clevelandia Industrial e Territorial Ltda).**

Ao se dirigir a Assembleia Legislativa do Paraná, assumindo duas vezes o cargo de governador do Paraná, Moysés Wille Lupion de Tróia (1947-1951 e 1956-1960), aqui “Lupião”, assumiu seu projeto de ocupação e de todo território paranaense, afim de “pôr em atividade nosso vasto sertão” (PARANÁ, 1949). No seu primeiro ano de gestão, o grande Chopim foi definido como um rio de potencial hidrelétrico, sendo que já estavam em operação 22 hidrelétricas,

segundo Gilmar Arruda: “quase todas de pequena capacidade, instaladas em pequenos rios e quedas d'água” com exceção de uma (ARRUDA, 2015).

“O tempo da CITLA” (a companhia imobiliária Clevelandia Industrial e Territorial Ltda) é assim reconhecido e rememorado na voz de Zézinho entre as obras que acabaram compondo esse cenário desenvolvimentista no segundo mandato de Lupion. Uma usina hidrelétrica na propriedade de Pedro Libro Ruzza se manifestava como uma obra presente no coração desse sertão distante dos grandes centros. A energia produzida no Chopim, pulsaria para a cidade vizinha de Mariópolis, reduto político do parceiro político desse governador, o loteador e empresário Mário Fontana, coordenador regional da companhia, aqui “CITRA”, que mobilizou para o Chopim dezenas de trabalhadores, um gerador para produzir energia no local e cerca de mais de 160 mil quilos de ferro que impulsionaram as obras da Usina.

Afonso Bach Ruzza, encontrado na casa da irmã Maria Clara Ruzza Rissardi e de seu marido Dercírio Rissardi em Pato Branco, contou que possuía doze anos quando chegou com a família ao Paraná e descreveu com empolgação cada momento da chegada da família e até o cotidiano de trabalho da usina: “Essa 'CITRA' que começô as estrada aí (gesticulando) (...). Daí depois que começaro ali viero os trator, viero as peça diz que iam construi essa usina. (...) Que tinha peça ali que tá loco, tinha uma peça que só uma peça dava 16 mil quilo que seria o eixo do gerador dentro pra formá a energia (...). Tinha uma *babilonha de ferrage*”. A maquinaria e a transformação do lugar se confunde e se complementa nos gestos e a entonação de voz de Afonso Ruzza. Sua narrativa, aqui parcialmente mutilada e editada pela escrita, apresenta uma oralidade que se desenvolve integrada aos sentimentos e a performance do narrador. Essa interação da fala com o corpo proporciona significado a história de vida contada e ressignificada em cada entrevista (Afonso Ruzza. Entrevista concedida em 22 de dezembro de 2014).

Ciro Carletto, do alto do de um morro sobre o Vale do Chopim, descreveu parte do cotidiano de trabalho na construção da antiga barragem. Segundo ele a vila dos moradores onde hoje seria “tudo aqueles guaviroval do véio”, as casas “era uma parzinha da otra assim” e o “chefe era o véio Ruzza, o mestre de obra, fura co martelete e carregá e detoná e os cara tirá, aqueles monte de pedra foi tirado tudo no carrinho, tinha os trilho de estrada de ferro” (Ciro Carletto. Entrevista concedida em 05 de julho de 2014).

Além das 20 casas das famílias de funcionários, a vila possuía uma pensão para os trabalhadores solteiros e um armazém que vendia mantimentos. Zézinho descreve Mário Fontana como um sujeito magrinho, miudinho, que havia montado junto de seus irmãos, Nilo e o Aldo

Fontana, um escritório dentro da sede da propriedade de seu pai. Esse foi contratado para a empreitada e o rio foi desviado em sua propriedade. O diálogo com os seis entrevistados chegou ao mesmo ponto: o fim da Usina. Sentido e transmitido como o fim da utopia de Pedro Ruzza e dos irmãos Fontana em produzir energia utilizando as corredeiras do Chopim. A construção da usina gerou expectativa no lugar quanto ao consumo de energia, como o próprio Carletto relata: “Mas óia o povo carcule, nem energia existia, (...) só que a rede ia pra Mariópolis” [sic!] (CIRO CARLETTO...).

Os acontecimentos, vividos e transformados pelos indivíduos não foram ou são alguma coisa... Esses estão sendo, são experimentados e reinterpretados continuamente no curso do tempo. Lucília Delgado segue essa perspectiva e considera a memória como “uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no presente”. Tal dinâmica do tempo mostra que o presente é presente de algo, o passado. O enredo de todas essas múltiplas manifestações proporcionadas pelo entrevistador criam e recriam questionamentos que movimentam a dinâmica da História (DELGADO, 2006, p. 14). Mas essa memória é individual ou coletiva? Para Michael Pollak: “A memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 2000, p. 200). Ainda assim, não são as instituições, os lugares ou cidades que lembram os acontecimentos, cada pessoa individualmente e consigo mesma influenciada pelos outros, porém, sobretudo o faz de maneira introspectiva, singular e subjetiva. A memória distorce, a memória seleciona, mas a memória persevera, a memória prevalece. Subtraindo, filtrando e digerindo o acontecimento familiar por meio de suas lembranças, Zézinho, ainda no início de sua fala, adiciona ao enredo uma informação de relevância que desloca a intensidade dos acontecimentos vividos de um plano local para um plano regional:

foi na época que teve aquelas *revolução lá em Marrecas* (Revolta dos Posseiros, Francisco Beltrão-PR em 1957). Por causa que o dinheiro que ele vendia as terra lá ele (Mario Fontana) tava tocando a usina aqui. Quando ele parô de fazê, *teve que saí fugido* de lá de Beltrão daí parô tudo (...). *Eles ficaro devendo pra todo mundo (risos), todo mundo perdeu porque não tinham mais como pagá os empregado*, porque lá onde eles tavam vendendo as terra eles não puderam mais vendê [sic!] (JOSÉ RUZZA...).

Mário Fontana era reconhecido pelos representantes da elite industrial e da classe empresarial da época. A Revista da Associação Comercial o referenciava como o “verdadeiro desbravador do sudoeste do Paraná” entre os demais “bandeirantes do século XX plantando

“cidades e semeando civilização” durante a inauguração do aeroporto de Francisco Beltrão-PR. Esse periódico publicado no Rio de Janeiro em 1953, um tanto longe daquele sertão, destacava o papel da CITLA:

cujo trabalho de recuperação social do homem do campo é, por assim dizer, uma das séries contribuições que se conhece nos dias de hoje, ao estudo da própria ecologia. Fixar o homem à terra, através de empreendimentos e realizações à altura do século em que vivemos, oferecendo novas perspectivas de vida dos trabalhadores rurais, fazendo-os proprietários das glebas que ocupam com a preocupação de explorá-los economicamente, este é o objetivo dos dirigentes da CITLA, que vêem ainda, por conta própria, *construindo estradas de rodagem, campos de aviação, usinas hidroelétricas, pontes, vilas e cidades* no afã de acompanhar o vertiginoso progresso do Estado do Paraná (ASSOCIAÇÃO, 1953, p. 31 e 32).

Francisco Beltrão, 10 de Outubro de 1957: Os documentos da CITLA e das demais companhias imobiliárias foram rasgados, queimados e espalhados pelas ruas da cidade ocupada de colonos vindos das estradas vicinais em muitas carroças, caminhões, caminhonetes, todos amontoados sobre as suas carrocerias, outros a pé ou a cavalo, armados de paus, pedras, foices, facões e armas de fogo. Um dia após a praça de Pato Branco ser ocupada pelos populares, a rádio Colmeia ecoava as notícias a toda região. Os jagunços ficaram aquartelados no escritório da companhia imobiliária Comercial tiveram de ser levados da cidade em viaturas da polícia. O escritório dessas companhias foram depredados, lá foram encontradas Winchesters, espingardas e muita bala, um verdadeiro arsenal que os jagunços da CITLA utilizavam para extorquir os moradores, exigindo que esses comprassem a terra onde viviam (POCAI FILHO, 2014).

Essa série de relatos demonstra que a memória está dividida, sobretudo, pela forma como lembramos dos acontecimentos. Segundo Alessandro Portelli (2006), muito além de um constructo moldado por um grupo social dominante, as memórias fazem surgir outros relatos oriundos de outros grupos sociais muitas vezes excluídos. Maurice Halbwachs (2006) afirma a impossibilidade de uma memória estritamente individual, uma vez que as memórias são construídas a partir da relação de pertença que o indivíduo tem com um grupo social. Esse, por sua vez, muitas vezes reivindica a sua memória e se incorpora de maneira distinta a sociedade configurando disputas em torno dessas recordações com o papel de forjar e reforçar suas identidades, sejam essas particulares ou na esfera coletiva.

Esse cenário de intervenção das companhias nos proporciona a ideia das engrenagens movimentando a usina, sendo lubrificadas pelas ameaças e por uma série de mortes que abalaram

a região. Esse episódio anunciou a progressiva derrocada da atuação da CITLA na região. Porém, além dos jagunços, nenhum dos empresários e líderes do esquema perverso formado pelas companhias foi julgado e o calote nos empregados até o momento era uma fato desconhecido.

Pedro Ruzza sabia da existência de recursos para financiar a obra em sua propriedade originados da venda de lotes na região. Os filhos dizem que somente ficaram sabendo das violências praticadas contra os colonos depois da morte do pai. Esse fato desloca a narrativa da memória dos filhos passando entre o silêncio do pai, ou seu suposto desconhecimento quanto aos crimes e resultando na fala de Afonso Ruzza a partir de um questionamento diretivo na entrevista:

Roberto Pocai: E daonde que veio o dinheiro pá fazê essa usina?

Afonso Ruzza: Isso aí eu acho que não sei se esse Mário pegô algum dinheiro do estado, isso aí a gente não sabe porque quem tocava ali se representava era ele e os dois irmão dele. Eu lembro do Mário como fosse agora, ele era um pouco mais seco, só que bem no fim do remate, depois de tudo quem saiu no prejuízo foi o falecido pai porque *o que ele tinha de a ver eles não pagaram, tu lembra Maria?* (exaltado) *A verdade tem que ser dita!* (alterou o tom de voz e abriu os braços) *O resto dos funcionários foram saindo pouco a pouco... Uns ano meio sofrido, mas...(...)* Eu acho que no fim da história, ele tinha um dinheiro que diz que grilando, descubri isso aí através do INCRA de Beltrão, o cara do INCRA me perguntou. O véio (Mário) já tinha morrido ele disse: Escuite, a dona Hilda (mulher dele) é viva ainda? -Não, ela morreu, digo. *Uma coisa que até é feio falá, disse* [o funcionário]: *O diabo deve carregando lenha bastante pra queimá aquela praga* [sic!] (AFONSO RUZZA...).

Esse trecho aparentemente tenso e pesado da entrevista descortina uma complexidade de sentimentos desses “anos meio sofridos” entre o bravejamento de Afonso e o silêncio de Maria. A entonação da voz registra uma interpretação dos acontecimentos até agora não ouvida, a entrevista oportuniza o relato do filho sobre a angústia do pai em embarcar no projeto da usina. A procedência verdadeira do dinheiro, que Pedro Ruzza possivelmente nunca suspeitou somente foi descoberta em uma conversa acima revivida por Afonso com um funcionário do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A simulação dessa prosa se intercala com o sentimento de respeito pela viúva e pela precaução: “algo que até é feio falar”.

Simon Schama observa a interação da paisagem com as diferentes visões de mundo da seguinte forma: “Antes de ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas. (...) É evidente que o próprio ato de identificar o local pressupõe nossa presença e, conosco, toda pesada bagagem cultural que carregamos” (SCHAMA, 2009, p. 17). No tocante a esse debate, imaginando o cotidiano de

trabalho da pequena barragem e os crimes cometidos em torno dela, paisagem e memória se confundem e mesmo partindo de direções diferentes se relacionam no imaginário de quem observa e reflete sobre o lugar e, sobretudo, sobre sua participação no lugar.

## II. A energia da vida: Outras temporalidades, outras territorialidades

*“Rio Chopim (Do Tupi, Xo’pi: pássaro preto)”<sup>3</sup>.*

*“Xupin: Xu, o ruído que produz o fogo ao apagar-se na agoa. Pin, fogo - apagou fogo. Contam os Kaingangues que em uma de suas excursões, os que iam na vanguarda vadearam ainda de dia o Xopim e acamparam; os que vinham na retaguarda chegaram á noite, prepararam um facho e principiaram a vadear o rio, cujo vao é ruim, cabindo o que levava o facho, gritou: Xupin!!! apagou fogo. Desta circunstancia lhe ficou o nome” (Telêmaco Borba, 1908<sup>4</sup>).*

*“Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas sim o sangue de nossos ancestrais” (Chefe Seattle<sup>5</sup>).*

A temporalidade de um dos povos indígena que seguiu o curso desse mesmo rio que hoje investigamos. Nossa imaginação evidencia nossa limitação frente a totalidade de temporalidades. Esse despertar de uma nova consciência na pesquisa reconhece a temporalidade biológica, a temporalidade geológica, a temporalidade geomorfológica e - no interior da temporalidade antropológica – incluindo a temporalidade dos povos ancestrais.

O ato de reconhecer essa restrição na busca da compreensão da totalidade dessas temporalidades é um passo importante para o pesquisador. Cada discurso é a expressão de uma temporalidade, cada narrativa é a expressão de uma territorialidade. Eis o desafio, seja de compreender a relação que um determinado indivíduo com um grupo social para produzir essa territorialidade constitutiva de sua memória. Milton Santos observa o espaço como um objeto em transformação onde diversos territórios e territorialidades se sobrepõem e se confundem com o passar do tempo, esse processo de transição cria e transforma essas inúmeras temporalidades e se evidencia nas diversas memórias captadas (SANTOS, 2006).

Além de Carletto e os Ruzza, outras temporalidades se incorporam a Navegantes. É interessante perceber que os moradores mais recentes, de 1980 para cá, possuem uma

---

<sup>3</sup> MARCONDES, G; BODANESE, R. KOTH, M. 2012. p. 75.

<sup>4</sup> BORBA, T., 1908. p. 117.

<sup>5</sup> Trecho do pronunciamento do Cacique Seattle.

temporalidade que está totalmente atrelada a construção do complexo hidrelétrico São João-Cachoeirinha.

Nelson Keller, morador numa propriedade de médio porte há 13 anos, proprietário da terra há 40 anos. Antes de morar em Navegantes era funcionário da concessionária Varaschin que prestava serviços de aluguel de veículos para a COPEL (Companhia Paranaense de Energia Elétrica) na usina hidrelétrica de Salto Caxias:

Aqui é o seguinte, quando eu inaugurei essa casa (há treze anos, 2000). Eu trabalhava na usina de Salto Caxias e daí convidei os engenheiro passá um fim de ano aí, como tava terminando Salto Caxias, não tinha nenhum outro projeto em vista e aqui era pra sair no Chopim 16 usina, daí eles pegaro e falaro: Bá, tamo terminando Salto Caxias vamo fica sem serviço, já tem um levantamento prévio (do rio Chopim), vamo se fincá e vamo fazê essas usina aí, senão vamo ficá sem serviço. -De minha parte pode vim. E veio topografia e na outra semana veio aqui fizeram levantamento, eu digo: vai sê barragezinha (1 metro) aqui ali. Fizero furo de 40, 50 metro ca sonda né, três meis veio a parte de geologia, arqueóloga, fizeram levantamento, sítio arqueológico [sic!] (NELSON KELLER. Entrevista concedida em 16 de dezembro de 2014).

O roteiro de cada entrevista está articulado entre a história de vida do entrevistado, a história da comunidade e, finalmente, um terceiro tópico: “Fale um pouco sobre as barragens” complementado por questionamentos mais diretos: Como você ficou sabendo da construção? Quando foi? Por quem foi? Foi entre esses questionamentos que Keller detalhou o acontecimento:

Daí na época o Jaime Lerner queria privatizá a Copel, daí pra eles não adiantava fazê usina se ia privatizá, venderam o projeto, venderam pra Enterpa, que era do (Celso) Pitta e do (Paulo) Maluf, firma que ele colhia o lixo em São Paulo, ecologia em São Paulo e como o Requião ganhô, era um rival político (do Maluf), não dexô fazê, tranco tudo, não dexô nem entrá ninguém aí, não teve acerto. 19 de novembro agora fez 13 ano: Daí veio a Gerdau compro da Enterpa (o projeto), vieram com força total! [sic!] (NELSON KELLER...).

A suposta origem das usinas deve ser questionada, pois cada morador tomou conhecimento da construção de maneira diferente, ou seja, cada um possui sua concepção de tempo, essas temporalidades distintas são simultâneas. Contudo, todo e qualquer acontecimento na vida de uma pessoa se associa a sua experiência e a seu horizonte de perspectiva. Para Reinhardt Koselleck (2006, p. 311), futuro e passado estão presentes: “Horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado”.

Esse diálogo com os moradores implica a ideia de que nossa proposta de etnografia

histórica está além do círculo de especialistas e crava na pesquisa uma nova perspectiva, existe uma História viva encontrada na convivência e no choque de culturas. Para tanto, no interior do projeto de pesquisa, a História Oral se apresenta como mais um projeto<sup>6</sup>, uma ferramenta de pesquisa onde, ao mesmo instante em que se toma como caminho absorver e compreender conhecimentos trazidos pelos trabalhadores envolvidos, procura-se fortalecer uma relação de troca de saberes e experiências com os mesmos.

A história oral oportuniza analisar a interação do sujeito com a estrutura social. A primeira empreiteira da construção, conhecida por fazer a coleta de lixo na gestão de Maluf<sup>7</sup> em São Paulo e por nessa época ter frequentado as páginas policiais sempre associada a desvios de verbas públicas para paraísos fiscais, e a interferência política do governador, na época, Roberto Requião<sup>8</sup>, demonstram como os destinos de uma pequena comunidade estavam entrelaçados com os desígnios de outras instâncias de poder. Esse detalhe, desvendado pelo exercício da entrevista, com certeza, seria despercebido se exclusivamente trabalhássemos com documentos escritos. O recorte espacial da pesquisa apresentasse num caso específico, por outro lado, sua análise está relacionada com assuntos de outra amplitude, o zoom da fotografia foca uma paisagem específica, porém isso não nos limita em negligenciar os hemisférios que estão além de seu recorte.

A sua experiência de pertencer a uma antiga rede de relações com a COPEL aproximou os seus técnicos e a realização dos primeiros levantamentos para as duas usinas, esse caso revela que cada entrevista deve ser analisada levando em conta a história de vida do entrevistado, ao invés de

---

<sup>6</sup> A construção do projeto de História oral possui diversas etapas para sua realização: 1) Definição do objeto de estudo; 2) Preparação da entrevista; 3) Roteirização das entrevistas; 4) Realização das entrevistas: onde os depoentes recebem, após a entrevista, a entrevista transcrita juntamente da Carta de Cessão, caso ele aceitasse ceder seu depoimento a pesquisa tal documento serviria para confirmar seu comprometimento com as informações prestadas; 5) Transcrição das entrevistas; 6) Conferência de fidelidade: etapa importante após a finalização da entrevista, visa conferir diversas informações relevantes para o depoimento recolhido, muitas vezes é necessário voltar ao depoente afim de solucionar dúvidas, entre outras evidências; 7) Análise das entrevistas: o pesquisador deve cruzar as diversas entrevistas afim de construir evidências e estabelecer correlações, assim como atender aos objetivos de pesquisa; 8) Arquivamento. Ver mais em: DELGADO, L. de A. N. História oral: memória, tempo, identidades. Autêntica, 2006.

<sup>7</sup> Paulo Maluf foi governador de São Paulo (1979-1982), prefeito de São Paulo (1993-1996), eleito quatro vezes deputado federal (2006 até a atualidade), sobre suas costas pesam uma série de acusações como lavagem de dinheiro, formação de quadrilha, corrupção e crime contra o sistema financeiro (evasão fiscal). Atualmente é filiado ao Partido Populista. Celso Pitta foi seu sucessor (1997-2001), seu mandato foi marcado por uma série de denúncias de corrupção, ambos pertenciam ao Partido Populista do Brasil (PPB). Ao terminar seu mandato, o ex-prefeito era réu em treze ações civis públicas, acusando-o de ilegalidades. Durante a gestão de Maluf, a Enterpa fora contratada para coletar o lixo da cidade. Segundo o Portal Zero Hora, “parte do dinheiro movimentado teve origem em um negócio intermediado por Maluf, a venda da Enterpa Ambiental ao Grupo Macri” (Zero Hora, 2012)

<sup>8</sup> Roberto Requião foi deputado estadual do Paraná (1983-1984), prefeito de Curitiba (1985-1989), eleito governador três vezes do Paraná (1991-1994, 2003-2006 e 2007-2010) e senador do mesmo estado por duas vezes (1995-1998 e 2011 até a atualidade). Sempre foi filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

considerar a memória como algo neutro e natural, devemos nos questionar como a pessoa se assume na condição de narradora no tempo presente, o tempo de sua enunciação.

Em 2001, a diretoria da Enterpa S.A. assinou o Contrato de Concessão de Uso de Bem Público para Geração de Energia no Complexo Energético Cachoeirinha-São João com a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) que tinha por “prazo de 35 (trinta e cinco) anos, contado a partir da data de sua assinatura” sendo que a empresa teria “liberdade na direção de seus negócios, incluindo medidas relativas a investimentos, pessoal, material e tecnologia, observadas as prescrições deste Contrato”, regularizando também o valor do kilowatt pago para a empresa e os termos da fiscalização técnica realizados pela Agência na Subcláusula Terceira da cláusula nona:

- A Fiscalização técnica abrangerá:
- I. a execução dos projetos de obras e instalações;
  - II. a exploração dos Aproveitamentos Hidrelétricos;
  - III. a observância das normas legais e contratuais;
  - IV. o cumprimento das cláusulas contratuais;
  - V. a utilização e o destino da energia;
  - VI. a operação do reservatório; e
  - VII. a qualidade e a comercialização do produto (ANEEL, 2002).

O contrato que “regulariza” a operação, a comercialização da energia produzida no complexo e o pagamento de R\$ 1.600.000,00 anualmente a União pelo “uso do bem público” (hum milhão e seiscentos mil reais) – valor esse estipulado no lance do leilão feito pela ANEEL. Ao tratar desses “aproveitamentos hidrelétricos” e a forma como seriam geridos, o contrato denomina o lugar como um “bem público” pertencente a União. Por outro lado, o contrato cita os moradores uma única vez, quando estipula que esses juntamente dos “representantes legais dos municípios” devem ser informados num prazo de 90 dias sobre a construção do complexo, sendo que as áreas onde esses habitam serão “*beneficiadas pelos Aproveitamentos Hidrelétricos*”. Nenhuma cláusula especifica como deve ser realizado esse e os demais contatos posteriores, mas que a liberação, “junto aos proprietários, das áreas de terra necessárias” deve ocorrer de maneira “amigável”, isso sem especificar quando ou como devem ser realizadas as indenizações aos moradores (ANEEL, 2002).

Em 2008, a licitação foi vendida para a Gerdau S.A. sendo que os direitos e deveres outorgados no contrato também foram transferidos. A Gerdau, procurando interagir de maneira mais direta com os moradores do Vale do Chopim, criou uma espécie de filial denominada então Chopim Energia. A razão social da empresa, repleta de erros gramaticais e de concordância, apresenta a finalidade do complexo e ao tratar de assuntos financeiros nesse documento:

Construir e manter as propriedades das usinas hidrelétricas São João e Cachoeirinha (UHE São João UHE Cachoeirinha) podendo inclusive arrendá-las; b) a geração, comercialização e transmissão de energia elétrica; c) prestar serviços de assistência técnica no campo de suas atividades; d) participar de outras sociedades como sócia ou acionista, desde que estas sociedades estejam de alguma forma ligadas à construção e exploração das UHE's São João e Cachoeirinha, ou para fins fiscais conforme estabelecido na legislação aplicável, ou ainda como investimento temporário na administração de recursos financeiros da própria sociedade (MINISTÉRIO..., 2007).

Esse documento também negligencia a presença dos moradores ou qualquer conceito de atingido. Diversas foram as tentativas de aproximação com esses moradores a fim de se utilizar da comunicação para “solucionar as dúvidas” quanto ao projeto de construção do complexo hidrelétrico São João-Cachoeirinha. Entre dezembro de 2008 e janeiro de 2012 a Chopim Energia lançou informativos aos moradores considerados “abrangidos” pelo empreendimento:

Este informativo tem uma função muito importante: levar ao conhecimento dos moradores de Honório Serpa, Clevelândia e Pato Branco, informações sobre as Usinas Hidrelétricas de São João e Cachoeirinha. (...) O trabalho da Chopim Energia, empreendedora das usinas, é realizado sempre com a premissa de que a transparência e a informação são os melhores argumentos para uma relação de credibilidade. Relação esta, que queremos ter com o povo hospitaleiro do Sudoeste Paranaense (INFORMATIVO DA CHOPIM ENERGIA N. 01)

Aparentemente um recorte do editorial do primeiro informativo da empreiteira Chopim Energia nos permite perceber tanto a autoafirmação da empresa como produtora de energia elétrica como também capacitada a divulgar informações sobre o projeto, seus supostos efeitos e planejamento dos ditos “cuidados” que deverão ser tomados com o “meio ambiente”.

Os Estudos de Impactos Ambientais da UHE's Cachoeirinha e São João de 2008<sup>9</sup>, na realidade, são uma atualização de outros dois Estudos de 2001 e 2002. A análise desse documento possibilita entender melhor a forma como as empreiteiras têm se relacionado com a população sudoestina. Essa atualização diz possuir diversos itens que não foram contemplados nos EIA's

---

<sup>9</sup> “O Estudo de Impacto Ambiental - EIA é um relatório que compreende o levantamento de literatura científica e legal pertinente, trabalhos de campo, análises de laboratório e um redação técnica que tem como objetivo oferecer os elementos necessários para que o órgão ambiental competente analise a viabilidade do projeto em relação ao meio ambiente. O Relatório de Impacto Ambiental – RIMA é um resumo do primeiro, em linguagem acessível à população que tem como meta esclarecer as vantagens e consequências ambientais do empreendimento. É o verdadeiro comunicador do EIA ao administrador do empreendimento e ao público” (EIA, 2008, p. 18).

anteriores, alguns deles estão diretamente ligados a situação dos moradores do lugar: Geração de expectativa e intranqüilidade na população direta e indiretamente afetada pelo empreendimento; Alteração da organização social e política existente; e Aumento do conhecimento técnico sobre a região (EIA, 2008).

Ciro Carletto, líder da Comissão de Representantes dos Atingidos pelas Usinas São João e Cachoeirinha, detalhou uma reunião com os técnicos da Chopim Energia em que diz ter se sentido ofendido:

Eles vem aqui sabe o que que eles dizem? Que aqui é um buraco: que que o cara qué vim morá num buraco desse? Mas em plaino eles não fazem hidrelétrica: esse buraco é feito pra vocês ganhá dinheiro. Que se não tem buraco comé que vai enxê de água pra faze, pra tocá a hidrelétrica? *Esse é que nós temo, esse é um buraco apreparado pra vocês, que tá pronto, vocês querem é de graça, mas eu casco o buchedo, eu digo memo, quando eu vo nessas reunião* (CIRO CARLETTO...)

Logo após essa passagem, Carletto fez questão de nos mostrar as tábuas lascadas que foram usadas para construir a casa, assim como o Angico (*Anadenthera colubrina*) medindo 4,69 metros de largura e cerca 60 metros de altura, preservado próximo da antiga moradia em um capão de mata. A apreciação de Carletto sobre o lugar captada em detrimento do que ele considerou uma “ofensa” por parte dos técnicos da empreiteira, que segundo ele interpretam o lugar como um “buraco” feito pra “ganhá dinheiro”, mostra que a paisagem descortina um universo de interpretações.

Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rozendahl (1998) apontam a paisagem como resultante da ação humana da cultura sobre a paisagem natural, exprimindo as relações do homem com a natureza. A complexidade dessa interação constitui o estudo da paisagem, que pode ser interpretada assim como um poema ou um quadro – sendo que esses exemplos muitas vezes resultam da observação de uma paisagem. Denis Cosgrove (1998) incentiva os estudos sociais a serem apreciados pelo pesquisador, indo além de uma explicação estritamente prática mas analisando também as paixões alimentadas por elementos morais, patritóticos, religiosos, sexuais e políticos, incentivando uma análise da paisagem humana como algo contido em seu sentido que vai muito além de uma impressão impessoal forjada por forças tendências demográficas e economicistas.

Sob tal viés, analisando a narrativa de Carletto, fica perceptível que sua visão da paisagem articula com um instrumento de luta perante o avanço das hidrelétricas sobre o Vale do Chopim. Apesar do MAB influenciar os atingidos, não podemos considerar que os posicionamentos de seus

V.5, n. 1. p. 129-146, Jan./Abr. 2016.

militantes representam a palavra final para todos os moradores.

Juraci Nande Cardoso: “nossa história é rolando”, 60 anos, 30 desses vividos em diversos lugares, e outros 30 vividos em Navegantes. Sua trajetória no lugar está inteiramente entrelaçada com a temporalidade da notícia das usinas: “Desde o tempo que nós viemo morá aqui nós sabemo dessa dita usina. Quando nós entremo morá aqui o Nego (filho) era pequenininho, ele tinha um aninho quando nós viemo morá aqui” [sic!] (JURACI NANDE CARDOSO. Entrevista concedida em 27 de dezembro de 2014).

Além das duas usinas atuais, a memória de Juraci assim como a memória da família Ruzza faz emergir uma outra usina. Moradora do lugar, produzindo alimentos agroecológicos, ou seja sem utilizar agrotóxicos, como feijão, milho, mandioca, batata e banana, assim como poucas galinhas numa “quarta de terra”, a quarta parte de um alqueire (6050m<sup>2</sup>) garante sua alimentação e sua sobrevivência no lugar. Ao ser questionada sobre seu posicionamento quanto a questão da usina:

Ah... eu no meu pensamento, gostaria que Deus ajudasse que saísse a usina pra mó de nós saí daqui porque aqui nós tamo num bico sem saída nesse lugar! Nós... Pra pobre aqui é um bico sem saída, porque se fosse que tivesse um carro bão, tudo bem né, má nós pagando um pra outro pra í pra cidade, se ficá doente pior ainda! Sorte que nós não ficamo doente, nem eu nem meu marido, temo muita saúde graças a Deus, mas se fosse pra mó de pessoa doentio, tinha morrido aqui à míngua (...).

RP: Vocês querem ir pra cidade...

JC: Pra mim era melhor. Ficava mai perto do comércio, não dependia cada vez que vai pra cidade pedí pros vizinha: Leva nós. O meu filho mora em Curitiba, se fosse dele morá com nós, tem a famia dele lá né, véve a vida dele... [sic!] (JURACI CARDOSO...).

A presença de Deus e a ausência de seu filho são sentidas na sua fala. Um conhecimento distinto da terra perante os produtores de soja e milho em propriedades maiores, embora em sua propriedade exista a pluralidade de culturas a ausência do jovem no campo é sentida em sua fala. O horizonte de expectativa em sua fala, imaginando a construção das usinas e a consequente ida para a cidade, por outro lado, seria a solução do seu problema. Nesse sentido, sua condição desfavorável de sobrevivência atual é sentida como elemento que interfere em seu posicionamento.

Seu vizinho, seu compadre, Roberto Bach, motorista de ônibus na Escola Cachoeirinha – comunidade vizinha -, sobrevive de uma criação de 35 terneiros e outra de 80 galinhas carijó em hum alqueire e meio de terra, outra pequena propriedade ou como ele denomina “um pedacinho

de nada”:

Que nem eu aqui, só tenho um pedacinho, aqui, já dá uma parte de terra, mas eu tenho uma família, uma moradia, tenho umas criaçãozinha, eu tenho onde morá (...) Que nem eu fui pa Florianópolis eu fiquei lá no meio dos estranho, só que eu não via a hora de volta sabe, sai de lá e vim po lugar que eu vim com 10 ano, bem dize nasci aqui, hoje eu to com 42, são 30 ano que eu to no lugar. (...) sempre morei aqui, então não tem como dize eu não nasci, eu participei daqui. Daí a gente tem as raiz da gente aqui, a gente considera o vizinho, que é o parente mais perto, aonde a gente convive mais [sic!] (ROBERTO BACH. Entrevista concedida em 12 de julho de 2014).

A narrativa de Roberto constrói uma concepção de tempo que cria todo um sentido de vida e de pertencimento com esse lugar. Dos 30 anos vividos ali, a lembrança de dois anos fora, vividos em Florianópolis-SC “no meio dos estranhos”, nos permite entrar em contato com uma memória evocada entre os dois lugares, um passado de inquietação numa grande metrópole e um presente entre os seus, entre os vizinhos e entre suas raízes, uma reivindicação de estar no lugar. Logo seu sentimento de pertença não aparece na conversa como um sentimento estático e desvinculado de sua condição de sobrevivência, pois o ato de reivindicar esse sentimento de tranquilidade acontece no contexto da construção das usinas.

Da mesma maneira que os territórios e territorialidades, as temporalidades se sobrepõem e se confundem com o passar do tempo. Dois vizinhos de cerca, ambos pequenos proprietários, ilustram cenários em um micro-espaco carregado de lembranças que agora se articulam no tempo presente com o acontecimento da construção das usinas produzindo, nesse caso, duas interpretações sobre esse mesmo acontecimento e tantas outras perceptíveis a cada relato de cada morador no seio do Vale do Chopim. A construção do complexo hidrelétrico São João-Cachoeirinha, articulada entre o Estado e a Chopim Energia cria essa nova temporalidade, todavia, antes desse acontecimento diversas experiências se entrecruzaram formando e transformando outras temporalidades.

### **Considerações finais**

Como os membros da comunidade Nossas Senhora dos Navegantes reinterpretam as suas memórias face à possibilidade de construção das barragens? Essa questão de partida formulada no clareamento da pesquisa incentivou a observação das diversas interpretações do acontecimento, sobretudo, reconhecendo os diferentes sentimentos de pertencimento com a paisagem.

Enquanto as diferentes formas de contato por parte da Gerdau procuraram abranger os

*V.5, n. 1. p. 129-146, Jan./Abr. 2016.*

moradores ao processo de construção das usinas, a coordenação nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens passou a se articular com lideranças locais incentivando a luta pela terra. A história oral possibilita perceber a interação dos sujeitos históricos com a estrutura social, algo perceptível nas suas falas. A relação dessa análise com os documentos escritos, por outro lado, permite que ambas as fontes se complementem permitindo o entendimento da realidade.

A construção do complexo hidrelétrico São João-Cachoeirinha, um acontecimento sem lembrança, um episódio futuro e sem data marcada, sofre interferência de uma série de outros acontecimentos. Muito além do contrato entre Estado e iniciativa privada, alegando “utilidade pública” devido a necessidade de produção de energia elétrica, uma trama entrelaça pelos saberes e pelas práticas dos moradores de Navegantes que se transformam em atingidos pelas barragens.

A projeção do acontecimento futuro exemplifica como um único evento não somente pode possuir diversos posicionamentos como instiga lembranças de diversos outros acontecimentos do passado. Entre esses, a construção da Usina Hidrelétrica do Ruzza, obra idealizada por Mário Fontana e financiada a partir da extorsão de posseiros em Francisco Beltrão, caso que acabou desencadeando na Revolta dos Posseiros. Esses e outros eventos do passado ainda são sentidos no presente e influenciam na interpretação do evento futuro. Nenhuma memória está isolada, cada acontecimento possui diferentes interpretações de diferentes indivíduos que, por sua vez, são influenciados pelo sentimento de pertença com algum grupo social. O indivíduo, em tal relação, por sua vez, reivindica suas lembranças em meio a disputas pela memória forjando e reforçando sua identidade e de seu grupo social.

A dinâmica da memória, enquanto fenômeno ao mesmo tempo coletivo e individual, incide submetida a transformações e mudanças constantes. Nesse processo, os distintos posicionamentos sobre a construção das usinas, sobretudo, se constroem a partir de seu espaço de experiência e de seu horizonte de expectativa.

Os diferentes posicionamentos, favoráveis ou contrários ao empreendimento hidrelétrico na comunidade de Nossa Senhora de Navegantes, não estão dissociados das diferentes condições de experiência dos moradores e dos diferentes sentimentos de pertencimento ao lugar. O grande Angico, a ilha que de cima do Vale do Chopim assume a aparência de um olho, a pequena horta abundante de verduras agroecológicas, a antiga casa herdada do pai... Esses, dentre tantos outros, são elementos da paisagem que a princípio poderiam ser considerados simples adereços do cenário, mas que na realidade assumem um papel complexo na construção da narrativa dos atingidos. Cada elemento materializado na paisagem se transporta ao discurso como um

instrumento de luta entre os saberes e as práticas dos atingidos principalmente em torno da sua luta pela terra.

As emoções vividas pelos atingidos frente a tal acontecimento ironicamente respondem a questão de partida com outra interrogação: Seria a usina um acontecimento do futuro ou um acontecimento já presente na história da comunidade?

## Referências bibliográficas

ARRUDA, G. *Rios e governos no Estado do Paraná*. Disponível em <http://scielo.com> . Acesso em 02 Mar. 2015.

BORBA, Telemaco. *Actualidade indigena: Paraná-Brazil*. Typ. Impressora Paranaense, 1908

CACIQUE SEATTLE. Disponível em: <http://www.ufpa.br/permacultura/>. Acesso em 03 Mar. 2015.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p.7-11

DELGADO, L. de A. N. *História oral: memória, tempo, identidades*. Autêntica, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

MARCONDES, G; BODANESE, R. KOTH, M. *Alguma poesia, poesia nenhuma*. Francisco Beltrão: Grafit, 2012

POCAI FILHO, Roberto. Entre anônimos, armados e rebeldes: os elementos da História Social na Revolta dos Posseiros de 1957. *Mundos do Trabalho*, v. 5, n. 10, p. 107-124, 2014

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

## Outras Fontes

ANEEL. *Contrato de concessão de n. 16/2002 AHE Complexo São João/Cachoeirinha*. Disponível em: <http://www.aneel.gov.br>. Acesso em 12 jan 2015.

V.5, n. 1. p. 129-146, Jan./Abr. 2016.

Associação Comercial. *Revista da Associação Comercial*, 25 de fevereiro de 1953, Rio de Janeiro, p. 31 e 32.

Chopim Energia. *Informativos*, de 2009 a 2012.

IAP. *Portal IAP*. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br> . Acesso em 09 Abr. 2015

Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio. *Certidão simplificada da Chopim Energia S.A.* 2007. Disponível em: <http://www.aneel.gov.br>. Acesso em 12 dez 2014.

Paraná. *Mensagem do governo de 1949*. Disponíveis em: <http://arquivopublico.pr.com.br>. Acesso 30 dez 2014

Zero Hora. “*Justiça de Jersey determina que empresas ligadas a Paulo Maluf devolvam US\$ 22 milhões à prefeitura de São Paulo*”. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br> . Acesso em 16 mai 2015.

## **Entrevistas**

Afonso Ruzza. *Entrevista concedida em 22 de dezembro de 2014.*

Ciro Carletto. *Entrevista concedida em 05 de julho de 2014.*

José Ruzza. *Entrevista concedida em 16 de dezembro de 2014.*

Juraci Nande Cardoso. *Entrevista concedida em 27 de dezembro de 2014.*

Nelson Keller. *Entrevista concedida em 16 de dezembro de 2014.*

Roberto Bach. *Entrevista concedida em 12 de julho de 2014.*